



Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; G. Dantas, C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Páha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Azulay;—*As confissões*, conto, (continuação), trad. de D. Guiomar Torrezão;—*Odore di femina*, versos, por Alberto Osorio de Castro;—*A occupação de Tungue*, (conclusão), por Pinheiro Chagas;—*A doida*, conto, por José Maria da Costa;—*Bertha e Rodolpho*, conto, por Alphonse Karr;—*As nossas gravuras*;—*Typos de Lisboa*, por Castor;—*Camillo Castello Branco*, (continuação), por Alberto Pimentel;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*.

GRAVURAS:—*Antonio Marciano Vincula Belles*;—*Pa'acio da Inquisição, em Madrid*;—*Valsa «Catalá»*;—*Modas*;—*Ruinas do Forum de Neriva, em Roma (Specimen das gravuras da «Historia de Roma.»)*

a perda que o paiz soffre, medem o perigo que os alcança. E ambos, um por detraz dos reposteiros de damasco do paço, e o outro atravez dos vidros lisos da sua janella humilde, vergam a fronte entristecida, ouvindo resoar ao norte e ao sul o pregão dos rapazes,

CHRONICA

Era no inverno e fazia um frio intenso, como agora; nas ruas os mesmos rostos arroxeados, de expressão inquieta e fugitiva, os mesmos soldados, os mesmos trens, os mesmos mendigos. No alto dos campanarios, as mesmas arias alegres, nos becos e cangostas o mesmo pregão popular, e até nas tabacarias e cabelleireiros o mesmo assumpto... de vida alheia.

De repente, todo este scenario muda, como nos grandes dramas da vida; um bando de varinos, astutos e vibrantes, atroam as sombrias viellas, cortando com as suas *silhouettes* caracteristicas o nevoeiro e o crepusculo, apregoando—elles cheios de vida e juventude—uma noticia de morte e desalento: «*A morte do Fontes!*»

E n'este pregão sinistro e ao mesmo tempo familiar, em que palpita uma caricia do povo, um incenso de popularidade, estala a hora cruel de uma crise nacional na alta região da politica e da direcção suprema do estado. Rei e povo, ambos solidarios, ambos crentes no futuro, ambos sinceros amantes de tudo quanto é grande e glorioso, commovem-se simultaneamente, avaliam



ANTONIO MARCIANO VINCULA BELLES

vendendo o supplemento, que annuncia—*A morte do Fontes!*

Já pelas duas syllabas de que é composta esta palavra—*Fontes*, que resôa como um clarim, já pelo immenso prestigio a esse nome ligado, toda Lisboa veste luto

espontaneo; em todos os rostos ha uma contracção de anciedade, uma sensação d'espanto. E vê-se uma cousa bella, triumphal, apothetica:—os inimigos do grande morto são os primeiros a dobrar o joelho diante do seu cadaver ainda quente; e dos labios d'esses homens, d'onde tanto escorreu o fel da censura apaixonada, os asperos gritos da colera esmagada e os rancorosos doctos da impotencia, saem agora em borbotão as palavras douradas da justiça, as apostrophes rutilantes da admiração profunda, sentida e verdadeira.

E são elles, os inimigos e adversarios, os que se acotovellam em volta do athaude, sentindo-se grandes e honrados em poderem misturar-se com os discipulos, os amigos e os admiradores do morto illustre.

E o funeral toma o aspecto de um grande acontecimento nacional, a que nenhum cidadão julga dever mostrar-se indifferente. Na vida moderna não seria isso coerente com os principios do *self-governement*.

A provincia une-se á cidade metropolitana, e n'uma dôr commum seguem ambas para a morada do silencio eterno, onde se levanta o pantheon da historia, inflexivel e fria como o aço, e como elle, brilhante.

Ha um anno que o grande estadista principiou a sua existencia historica, esbatendo-se em volta d'elle os ultimos rancores partidarios, o fumo das ultimas descargas politicas; e á medida que se foi desannuveando o horisonte, foi ganhando em luz e intensidade o seu vulto gigantesco.

Não admira, pois, que o queiram collocar sobre um pedestal, talhando em bronze para os vindouros a figura do grande batalhador do progresso, porque os contemporaneos têm-n'a bem gravada no coração e na memoria—dois livros sempre abertos diante dos nossos olhos.

A inauguração do monumento ao estadista incomparavel, á mais pujante figura da politica portugueza nos ultimos trinta annos, é logica, segundo a feição actual da educação popular. Mas se ella tem uma alta significação perante o povo, não a tem menor perante os que substituiram Fontes Pereira de Mello no parlamento e no governo.

O soberano e a rainha comprehenderam bem a perda que a patria ia soffrer com a ausencia perpetua do glorioso estadista. Parece que a sua galharda figura, de uma distincção suprema, exposta, por dever do cargo, ao alvo e ao tiroteio dos furiosos do parlamento, os impedia, só pelo nobre respeito que impunha, de sacarem da panoplia as armas grosseiras e infamadas, preferindo, para terçar com elle, os finos floretes.

A patria não tem só a chorar, na morte de Fontes Pereira de Mello, o desaparecimento de um grande espirito, mas um d'esses ultimos cavalleiros fidalgos da politica, que levantava o parlamento pela assombrosa nobreza do seu character e pela elevação do seu proceder.

O orgulho d'esse chefe regenerador, era o orgulho innato de todos os homens superiores; não feria, porque não se lhe percebiam, nas arestas da sua contextura, os asperos resabios da praça publica, baixos e repugnantes; era polido e massivo como o marmore.

Diante d'elle, encolhiam-se, pequeninos e envergonhados, os alfaneiros de hoje. E é um soberbo espectáculo, vêr o afan com que atiram fóra as luvas... e a gravata!

A pequenez de certos politicos do nosso paiz parece ter inchado, depois da morte do grande homem, e ameaça rebentar como a rã da fabula.

E' agora que se sente quanto de profundamente verdadeiro havia n'aquella phrase dolorosa, que elle soltou, junto com o ultimo suspiro:

—«Sinto que faço falta!»

E faz. Dil-o a agitação das massas populares, assombradas de tanta leviandade nos homens do poder e de tão estranho desconhecimento da situação real do paiz.

Que importa que, no regimen parlamentar em decadencia, o governo consiga, na atmosphera quente da sala e no meio da segurança pessoal, garantida pelas bayonetas, arrancar aos seus amigos umas moções de confiança? Ninguém ignora que isso é um artificio, demonstrado aliás plenamente com factos positivos, taes como os votos dos srs. Antonio Ennes e Oliveira Martins, o primeiro dos quaes creou um jornal de proposito para mostrar o seu descontentamento, e o segundo não perde occasião de censurar o governo e metter a ridiculo a maioria. Cada um d'estes dois singulares thuriferarios da situação, representa o despeito proprio, e ambos representam, sem o presentirem, talvez, a opinião geral do publico illustrado, isto é, uma opinião esmagadora de desprezo, mas tolerante e inimiga de arruaças.

Eis ao profundo abatimento a que chegou o parlamento, onde tantas vezes se ergueu a figura correcta de Fontes!

O povo, indo agora admirar-o no bronze perpetuador, saberá estabelecer, com o largo bom senso que o domina, o seu juizo severo, comparando esse altivo e cavalheiro parlamentar, esse estadista tolerante e patriota, que tanto amou a grandeza do seu paiz, com os pigmeus que o substituiram no poder.

Regina Paccini—estes dois nomes soberbos para um cartão de visita e para uma chronica musical, nomes que tem em si mesmo o quer que é de estridente como uma nota aguda, figuraram novamente no cartaz de S. Carlos, sob o titulo de uma opera nova—*A Lucia*.

E se a gentil artista foi uma revelação na *Somnambula*, n'esta peça foi uma maravilha.

E' una decidida vocação para o theatro lyrico, como o demonstrará a sua apparição n'outras operas annunciadas.

Conta-se que ella, graciosa e sorridente, fôra entregar o primeiro ouro que ganhara pela sua voz do mesmo metal,—cem libras esterlinas— ao seu professor; mas elle, cavalheiro e artista, recusára como um gentilhomem.

Effectivamente, cem libras a mais ou a menos na bolsa de um artista verdadeiro, não se comparam com o orgulho da paternidade artistica que o talentoso professor deve sentir, todas as vezes que aos seus ouvidos chegarem os echos do entusiasmo publico, arrancados pela voz esplendorosa d'aquella que é a sua filha na arte, a quem elle deu o seu sentimento artistico, o seu entusiasmo e a sua sciencia musical.

O que a joven virtuose poderia offerecer ao seu professor, sem receio de que elle recusasse, seriam as flores que consta vão ser arremessadas em forma de avalanche, de chuva, de ornato, de pyramide, de arcaria, da inevitavel *corbeille* e do classico *bouquet*, á illustre Patti, pelas damas mais gentis da *fashion* lisbonense.

E', de certo, uma demonstração aristocratica, de encontro talvez a uma certa frieza irrespeitosa, com que o lisboeta mais ou menos dilettante se permittiu d'esta vez apreciar os dotes lyricos da diva celebre.

Mas a Patti não precisa, nem talvez se commova tanto quanto se poderia imaginar, com a demonstração das senhoras de Lisboa. Patti tem gloria a mais, ao passo que a encantadora Paccini, uma aurora, se tem o sol brilhante da sua voz, o que não tem é flores.

E lembrem-se as senhoras de Lisboa, de que é necessario animar com a frescura das rosas aquella vocação ardentemente artistica, que principia.

Lembrem-se d'isso...

AS CONFISSÕES

(Arsène Houssaye)

EXCERPTOS

II

Eis como vivemos juntos, Camillo Rogier, Gérard de Nerval, Théo e eu.

Théo (Theophilo Gautier), alugou na rua Doyenne, nas visinhanças de Camillo Rogier, um pequeno rez do chão, destinado a receber os seus amigos e amigas, na ruidosa e familiar intimidade, própria do caracter do poeta.

O rez do chão não o arruinara; alugara-o por duzentos e cincoenta francos, e em vez do luxo asiatico, reflexo da sua fantasia, Théo limitou-se a mobilal-o com o indispensavel para se dormir e sonhar.

O luxo exhibia-se do lado opposto, nos célebres aposentos de Camillo Rogier, que era já então um artista conhecido e que convidara alguns pintores, seus amigos, a cobrirem de obras primas as paredes, emmolduradas a oiro, da sala.

Essa sala, que foi o ponto de reunião da primeira bohemia litteraria, tornou-se legendaria.

Gérard, que na sua qualidade de filho de boa familia, amava o fausto, alugara para si parte dos aposentos do Rogier.

Gérard era um excellente sub locatario. Não dormia nunca em casa. Não apparecia senão á hora do sol. A' noute, corria os theatros, verdadeiro noctambulo, devorado pela febre da inspiração.

Eu ia sempre passar uma hora do dia no meio d'essa brilhante sociedade, maravilhado com os thesouros de espirito que alli se dispendiam.

Uma noute, Camillo Rogier offereceu-nos chá em um magnifico serviço japonéz; a palestra, descendo das alturas da philosophia até aos abysmos da voluptuosidade, tomou taes proporções, que a aurora surprehendeu-nos, a mim, a Ourliac e a Beauvoir.

Rogier lamentou-se de não ter á sua disposição senão um unico quarto.

Eu era o mais preguiçoso; fui, por conseguinte, deitar-me no leito da hospitalidade.

Acordei tarde.

Rogier disse-me, sorrindo:

—Não vale a pena ir-se embora, jantaremos juntos.

A' noite, repetiu-se a mesma conversação.

Ao segundo dia, não querendo perder tão boa companhia, mandei buscar o meu leito de campanha.

Desejando corresponder á hospitalidade que me era offerecida, desferrava-me, convidando-os para alguns festins dos Frères Provençaux, em dias de carta registada, que minha mãe não se esquecia de enviar-me.

*

Nunca houve no mundo amisade mais franca e mais alegre, mais agradável ao coração e ao espirito.

Trabalhávamos, rindo e cantando. Théo na *Mademoiselle de Maupin*, Gérard na *Reine de Saba*, Ourliac na *Suzanne*, eu na *Pécheresse*. Não entrando em linha de conta os sonetos e canções que Rogier punha em musica, sem perder um traço do lapis, desenhando todo o dia, ou pintando aguarellas, com que illustrava, alternadamente, Hoffmann e Byron.

Na grande sala havia lugar para todos.

Um escrevia ao canto do fogão, outro rimava deitado; Théo, fazia festas aos gatos e calligraphava admiraveis capitulos, estendido na cama; Gérard, sempre enigmatico, andava de um lado para o outro, com a vaga inquietação dos investigadores que não encontram o que procuram; Beauvoir,—o Musset trigueiro, como lhe chamou d'Aurevilly,—apparecia-nos de vez em quando, trazendo-nos paginas de versos, vibrantes de apaixonado ardor.

Gavarni, que publicava então nm jornal de modas, sob a protecção da senhora de Abrantés, vinha desenhlar ao lado de Rogier, sempre que não estava absorto na preocupação da toilette, elle, que não era nada bonito.

O apuro de Gavarni contrastava singularmente com a negligencia de Théo.

Gavarni parecia uma gravura de modas; Théo assimilava-se a um basco de grenha intonsa, surgindo dos bosques e montanhas, nem sempre com o legendario colete escarlata, mas com uma blusa vermelha.

No grupo dos amigos de Rogier, poetas ou pintores, que tinham collaborado nos frescos da sala, e que vinham á tarde, figurava Ourliac, um comico que acabou como Poliuto; Augusto de Châtillon, meio pintor, meio poeta, exactamente como o fôra na sua estreia Theophilo Gautier, mas permanecendo sempre a meio do caminho, emquanto o autor da «Comédie de la mort» passava de pintor mediocre a poeta célebre; Marilhat, um delicado paizagista que tinha a nostalgia do sol e que iniciava Rogier

nos esplendores do Oriente; Celestino Nanteuil, uma palheta sem lapis, um poema apenas esboçado; Emilio Vatier, uma contra-prova de Watteau, com mais um seculo; Alphonse Esquiros, uma contra prova de Saint Just, coração de oiro, espirito profundo, grande patriota; Gavarni, que era então apenas um jornal de modas; Eugenio Delacroix, tão superior pelo coração como pelo espirito, romantico com os romanticos, mas classico obstinado no silencio o gabinete, como que para se penitenciar de todas as luxuriantes pompas do seu pincel; e Préault, que esculpia palavras com a mesma facilidade com que Chenavard pintava theorias.

GUIMAR TORREZÃO.

ODORE DI FEMINA

AO DR. PEDRO FERREIRA DOS SANTOS

Sinto-me hoje feliz, sem nervos, sem cuidado,
Absurdamente bom, gostando das crianças.
Vejo outra vez pousar na fimbria do beirado
A revoada gentil das minhas esperanças.

Corre-me o sangue assim como um rio dormente,
O coração é como um melro matinal.
Esqueceu-me o *Lurquez*, e simples, bom vivente,
Nem me lembro seque do fim de *Germinal*.

Nem mesmo desmanchei, frenetico, doente,
Como ha dias p'ra cá, o meu charuto caro!
Esplendido cubano. O dia foi bem quente...
Incrível! Anda em tudo o mesmo aroma raro,

O exquisito perfume ardente e delicioso
De cravos que evolava a bocca tão bonita
E o corpete *busqué*, alvissimo, ondulado,
Que esta manhã vesti á languida Mimita.

Coimbra, julho de 1887.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

A OCCUPAÇÃO DE TUNGUE

(Conclusão)

III

Tendo recebido ordem do governador geral para seguir para a bahia de Tungue, mandou o coronel Palma Velho adiante 16 soldados com o tenente Pinto, o director da alfandega e o almoxarife, e seguiu logo depois, a bordo de um dos detestaveis hiates da provincia, que por signal ia naufragando no caminho. Bateu n'uma rocha, arrombou as cavernas do porão, e foi necessario tapar o rombo com uma vela feita em melho e segura com pesos, ao passo que se tratava de esgotar a agua, que já entrara, com baldes e caixas e outros objectos proprios para esse fim. A muito custo conseguiram salvar-se e chegar a Meninguene, mas o coronel Palma Velho, que estivera horas molhado e sem alimento, apanhou uma febre de mau character, que o ia levando. «Este naufragio e estas febres, diz elle com graça no seu folheto, já me não pertenciam, porque tinha sido demittido.»

A 14 de fevereiro chegou Augusto de Castilho, a bordo da corveta *Affonso de Albuquerque*, acompanhada pela canhoneira *Douro*. Não tendo conseguido que o sultão mandasse entregar ao governo portuguez a parte septentrional da bahia de Tungue, ia tomal-a á força. Pouco depois entrava o vapor zanzibarita, *Kilwa*, e fundeava. O commandante foi avisado de que podia comunicar com a terra a seu bel prazer, desembarcar e receber carga, mas que não podia fazel-o sem se sujeitar ás formalidades aduaneiras portuguezas, e sobretudo que não podia desembarcar municiões de guerra.

Vendo isto, o commandante do *Kilwa* quiz levantar ferro e safar-se sem attender ás ordens do commandante da esquadilha portugueza. Este fez-lhe fogo, e o *Kilwa* immediatamente, arriou a bandeira, sendo aprezado pelos nossos navios.

A situação era esta. O coronel Palma Velho occupou a povoação portugueza ao sul de Meninguene com uns 40 homens; a canhoneira *Douro* estava defronte de Meninguene, e a *Affonso de Albuquerque* defronte de Tungue.

O coronel Palma Velho, tendo effectuado um reconhecimento da posição de Meninguene, viu que estava guarnecida por uns trezentos arabes. O que havia porém a receiar era que elles recibessem reforços. Sabia-se que se expediam ordens para todos os

lados, e que os regulos pretos vinham em grande força auxiliar o sultão.

Resolveu pois o sr. Augusto de Castilho mandar o vapor *Kilwa*, que já estava com a bandeira portugueza, a Moçambique, avisar a canhoneira *Vouga* para que viesse com a força disponível do 1 de caçadores.

Entretanto os dois navios portuguezes principiaram a bombardear Meninguene e Tungue, tendo previamente avisado, e por umas poucas de vezes, os negociantes pacíficos para que se retirassem. O bombardeamento causou primeiro grande terror, mas, quando os arabes reconheceram que era inefficaz, por causa da grande distancia a que tinham de ficar os navios, habituaram-se e nem sequer abandonavam as povoações. Entretanto os pretos vinham affluindo, chamados pelo governador de Tungue. Os regulos Maxade, Mapeta e Mossaia dirigiam-se para o littoral e um d'elles trazia quatro mil homens. Chegavam tambem arabes de Mequindane, e a situação tornava-se melindrosa. Em Matamba o sargento Romão da Silva declarava que lhe seria impossivel sustentar-se contra o inimigo; os indigenas que nos eram affeioados diziam que o inimigo se preparava para nos investir n'um ataque nocturno. Emfim, os nossos soldados pretos começavam a mostrar um desanimo profundo. Era necessario tomar uma resolução definitiva.

Foi o que o coronel Palma Velho fez, mais resolvido a isso ainda, por saber que estava em Meninguene o proprio governador de Tungue Saidi Aliba, o que annunciava o seu intuito de tomar immediatamente a offensiva.

No dia 23 de fevereiro ás 7 horas da tarde mandou o coronel Palma Velho formar a força de que podia dispôr e que não subia a mais de 35 homens, e, encaminhando-se para bordo da canhoneira *Douro*, pediu ao commandante, o sr. Marques da Silva, que o coadjuvasse. Este a isso se prestou immediatamente, e poz o escaler da canhoneira á disposição do coronel, juntamente com 30 praças de marinhagem, que deviam constituir exactamente o nucleo da columna de assalto. Alem d'isso quiz elle proprio acompanhar os seus marinheiros, que assim pessoalmente animaria e incitaria a cumprirem o seu dever.

A força de terra dispunha de um canhão-revolver do systema Hotchkiss, e a força de mar levava tambem uma optima metralhadora. A isto é que os zanzibaritas só podiam oppôr uns tres ou quatro canhões antigos.

O coronel Palma Velho, apesar de andar pessoalmente tratando de todos os preparativos da expedição, conservava no hiate a bandeira portugueza içada, o que era signal de que estava elle a bordo. Assim conseguiu illudir por algum tempo os inimigos que não suppunham que se estivesse preparando o ataque. Mas, apenas, concluido tudo, se deu o signal da partida, e a expedição marchou para terra, o coronel fez içar a bandeira na lancha em que ia, e que por isso logo servio de alvo aos tiros do inimigo.

Effectivamente andava elle bem precatado, porque apenas as lanchas se pozeram em movimento, logo correram aos seus postos, e quando as lanchas chegaram a meio rio, foram salteadas por balas de todos os lados; mas a metralhadora e o canhão-revolver n'um instante fizeram calar o fogo, e os officiaes, saltando para a agua, levaram ao assalto de Meninguene os soldados e os marinheiros entusiasmados, que logo occuparam a povoação, apesar do fogo pertinaz com que das casas os recebiam, tão pertinaz que houve uma casa, que os nossos principiaram a incendiar, sem que das janellas os defensores deixassem de fazer fogo contra os assaltantes.

Mas esse fogo era hesitante e incerto, e, sem termos a lamentar a perda de um só homem, occupámos Meninguene, a que logo se deitou fogo.

O governador arabe, para explicar ao sultão de Zanzibar a sua derrota, dizia que tinhamos atacado com 15:000 homens. Pois a poderosa força que tomara Meninguene constava, como nos tempos heroicos de Duarte Pacheco, de sessenta e cinco homens.

Em Meninguene fôra tomada uma bandeira arabe, e o exito fôra tão prompto que o coronel Palma Velho, julgando que já não havia para elle impossiveis, resolveu tomar Tungue, como tomara Meninguene.

Reunira-se a bordo da corveta *Affonso de Albuquerque* o conselho de guerra, e resolvera-se esperar a chegada da canhoneira *Vouga* e da força de caçadores 1, que ella devia conduzir para se proceder á tomada de Tungue; mas o coronel Palma Velho resolveu assumir a responsabilidade de tomar Tungue immediatamente, e pedindo ao capitão-tenente, Cypriano Lopes de Andrade, commandante da corveta *Affonso de Albuquerque*, um escaler a vapor para lhe rebocar as lanchas em que iam os trinta e cinco homens do assalto a Meninguene, seguiu para Tungue, por sua conta e risco. O governador applaudia-o no fundo do coração, mas não julgava de certo que o coronel Palma Velho tomasse sem hesitação tão grave responsabilidade.

Quando viu porém que o coronel se encaminhava devéras para Tungue, começou lhe a fazer signaes para que retrogradasse. Repetia-se em escala reduzida a famosa scena de Parker e de Nelson, e a historia registava mais um caso de desobediencia heroica e feliz. Tambem Castilho, assim que viu que Palma Velho, fingindo que não via os signaes, continuava o seu caminho, man-

dou-lhe immediatamente o reforço mais importante que poude, da marinhagem da *Affonso de Albuquerque*, e esta corveta, aproximando-se o mais possivel da costa, cuidou de ajudar efficazmente o assalto de Palma Velho.

Procedera não só heroicamente, mas acertadamente o intrepido coronel, porque tinha as suas tropas cheias de animação e de confiança, os inimigos aterrados pela audacia do feito d'armas de Meninguene, e logo de vez perturbados pela ainda mais inconcebivel audacia do assalto de Tungue. O acontecimento deu plena razão ás suas previsões, porque Tungue foi tomada ainda com mais facilidade do que Meninguene, sem se perder um só homem, sem haver um ferimento, e os Portuguezes assenhorearam-se até da esteira de Saidi-Aliba, ainda quente do corpo do governador zanzibarita, esteira que foi dividida n'um grande numero de fragmentos, pois que todos queriam conservar uma memoria d'essa brilhante acção.

Estava occupada toda a bahia de Tungue, havia tantos annos na posse do sultão de Zanzibar, e a sua occupação, desde o audacioso desembarque de Palma Velho em Macoloe até ao seu ousadissimo ataque de Tungue, parecia uma lenda heroica dos tempos cavalleirescos.

Terminamos aqui a nossa narrativa, porque não queremos entrar no terreno da politica, defezo aos collaboradores da *Illustração*. Fazemos apenas votos para que as negociações não nos façam perder o que as armas nos deram.

Com relação ao coronel Palma Velho, apesar de muito boas palavras, não se procedeu até agora, parece-nos, com a justiça devida. Contando o entusiasmo que de todos se apoderára, quando se viram senhores de Tungue, escreve com razão o sr. Palma Velho: «Ninguém pensava em recompensas; mas ninguém pensava tambem que o merito de serviços d'esta ordem, em que estava empenhada a honra da nação, podesse ser negado».

PINHEIRO CHAGAS.

A DOIDA

Amavam-se os dois, com esse amor casto e profundo que tem o quer que é de sublime, de grandioso e de ethereo; esse amor que se inspira nas noites de luar, no azul dos ceos, nos beijos da brisa e nas doces serenatas.

Ella era joven, rica e formosa. Ninguém como ella mostrava com mais garbo o seu bello alazão, em longas galopadas ao lado d'elle e do pae. Ninguém como ella arrancava do seu piano Herz as melodias suavissimas que faziam sonhar com o paiz das fadas.

Nos bailes ou na sua frisa de S. Carlos, o seu busto elegante, apertado em rendas finissimas e em setins faiscantes, desafiava o ciume nos olhos das mulheres e incendia o entusiasmo no olhar dos homens.

Ingenua e sã, a esplendida Leonor via desdobrar-se ante os seus olhos avelludados, como que em uma fita de luz, a estrada do porvir.

Aquelle a que em breve ia unir-se para sempre, joven, forte e formoso tambem, ao seu lado, em muda contemplação, em extase, seguia-a por toda a parte, risonho, amavel, feliz.

A sua ventura parecia inundar com um resplendor de felicidade todos os que se lhe approximavam, os velhos e os novos, os scepticos e os descrentes.

Approximou-se afinal o grande dia. Foi decidido que a cerimonia religiosa se realisaria na capella do palacio dos paes de Leonor, no campo. Um palacio solitario com recordações de familia, longas galerias de quadros de antepassados, tumulos de marmore, arcarias e camponezes dependentes do poderose senhorio das terras.

Haveria festas populares, á moda da poetica aldeia, banquete para convidados, quartos para hospedes na ala esquerda do palacio, equipagens de luxo, caçadas, pic-nics, debulhas, romarias, visitas a grutas e ruinas archeologicas, toda a folia campestre.

O noivo devia chegar no comboio da manhã, com o seu padrinho e alguns intimos, trazendo as ultimas encomendas. O veado noiva, que era um primor, feito em Vienna d'Austria e que estava na alfandega, preso aos dentes ronceiros e seguros do despacho. O soberbo adereço de brilhantes, offerecido pelo noivo e que o Leitão não podera dar ainda na vespera do grande dia, apesar dos reiterados telegrammas desesperadores.

Tudo isto se esperava na manhã do dia de nupcias, e com que anciedade!

Mas a manhã passa; vem o meio dia, e nada! Angustia mortal. Anda no ar um vago presentimento de desgraça. O sol terrivel de junho, queima e retorce as folhas do arvoredo, onde os passarinhos procuram abrigo. O azul do céu, toma a côr esbranquiçada da penetrante irradiação solar que calcina a terra. A natureza parece dormir a sesta. Todas as frentes se inclinam com o



PALACIO DA INQUISIÇÃO EM MADRID

desanimo e o cansaço das longas expectativas. As flôres murcham nos altares, o padre despe pela sexta vez a sua capa dourada que o asphyxia, o sachristão abana-se com um leque, como uma caricatura chinesa.

N'isto, sente-se o rodar moroso de uma carruagem.

Quem será? Tão devagar, quando é tão grande a anciedade no palacio!

Os convidados descem ao portão, avançam na estrada. Vão saber o que é. O povo acode. Todos olham com curiosidade para dentro do mysterioso vehiculo e todos soltam um grito de horror.

Dentro, vem o noivo despedaçado, e mal feridos os seus amigos. Os seus fatos de viagem estão ensanguentados. Trazem ligaduras nas cabeças, nas mãos e nas pernas. Um horror.

Tinha havido um choque de comboios. Houve mortos, e o noivo fôra um d'elles. Não regressaram a Lisboa porque estavam a pequena distancia da aldeia e porque sabiam que os paes d'elle se achavam no palacio.

Ironia do destino! O véo de rendas da noiva, o adereço de brilhantes e outros *bijoux*, vinham dentro de uma forte mala de mão, ao lado do noivo, e nada soffreram. Os amigos, que sabiam da existencia d'aquelles objectos de grande valor, apanharam a mala e depositaram-a religiosamente ao lado do cadaver, na carruagem.

*
*
*

Nunca se viu uma dôr igual á que dissipou, como um sonho, todo o porvir radioso da gentil Leonor. Nas garras de uma febre cerebral, luctou trinta dias corajosamente com a morte. Triunphou a sua mocidade, mas pagou com a razão o ter amado immensamente, com toda a intensidade dos seus vinte annos.

Louca completamente, mas serena na sua noite de trevas, nunca mais quiz sahir da aldeia. E todas as manhãs manda dizer ao cura que a venha casar. E vestida com a toilette nupcial, en volta no soberbo véo do casamento, posto o adereço de brilhantes, atravessa socegradamente os longos corredores do palacio, desertos como um tumulo de que ella é o phantasma, e entra na capella, indo ajoelhar sobre o coxim de velludo *grenat*, perante o altar-mór.

E assim se conserva horas, como que immersa n'um sonho, de que vem arrancar a o sino da igreja parochial, tocando o meio dia. A pobre louca acorda então do seu sonho de noiva, levanta-se risonha, sorridente, como se estivesse diante das suas amigas, recebendo os seus quentes beijos e as suas felicitações, e exclama, applicando o ouvido ao toque dos sinos:

—Ouvem? Chamam-me para o baile.

E segurando na mão a longa *traine* do seu vestido de damasco branco, corre para o salão de honra do palacio, e ao entrar, deixa cahir a cauda enorme do vestido e caminha magestosamente, olhando admirada para todos os lados e murmurando:

—Ainda não vieram os convidados!

E deparando com o seu magnifico piano de Herz, aberto e posto calculadamente, pela familia, no meio do salão, como uma ultima esperanza de cura pela sensibilidade da musica, solta um grito infantil, como de quem reconhece um velho amigo e dirige-se para elle, contorna-o, examina-o longamente, e de subito senta-se. E poisando as suas mãos nervosas sobre o teclado, principia uns motivos de phantasia, breves, melodiosos, como a ultima palavra do queixume sentimental; mas em breve passa a um *pout-pourri* vibrante, tremendo em que parece que as teclas estalam e vão saltar pelos ares, como se n'ellas se extorcesse um tremulo horroroso, vomitado pelo inferno.

A pacifica gente do lugar, quando passa na rua, pára attonita, ante aquella orgia musical que abala os echos do salão nobre e se precipita pelas janellas em ondas sonoras; e sempre supersticiosa, sente um secreto terror em vez de enthusiasmo, e exclama entre si:

—E' a doidal!

JOSÉ MARIA DA COSTA.

BERTHA E RODOLPHO

Uma tarde, o moço compositor Rodolpho Arnheim, e Bertha, a mais linda de todas as filhas de Mayança, acharam-se sós. Rodolpho e Bertha estavam noivos, e comtudo viam-se forçados a separarem-se no dia seguinte. Rodolpho partia para uma provincia afastada. Durante dois annos devia seguir o curso d'um professor famoso; depois, na sua volta, o pae de Bertha cederia em seu favor as suas funcções de organista da cathedral, e dar-lhe-ia tambem a sua propria filha.

—Bertha, disse Rodolpho, toquemos ainda uma vez este trecho que tanto amas. Quando estivermos separados, ao fim do dia, á hora dos pensamentos graves, cada um de nós toca a sua parte, e isto fará com que nos aproximemos um do outro.

Bertha pegou na harpa, Rodolpho acompanhou-a com a flauta e repetiram varias vezes o trecho favorito de Bertha. Por fim, começaram a chorar, e beijaram-se: Rodolpho partiu.

Foram ambos fieis a sua promessa. Todas as tardes, á mesma hora em que elles se tinham visto pela ultima vez, Bertha sentava-se á harpa, Rodolpho pegava na sua flauta, e cada um tocava a sua parte. Essa hora do dia é solemne e mysteriosa, dispõe naturalmente á phantasia e ao sonho; nos vapores avermelhados que sôbem no horisonte, parece que se vêem surgir, vivas e animadas, todas as recordações, todos os dias famosos, uns risinhos e coroados de rosas, outros pallidos e envoltos em crêpes.

A essa hora, o ultimo fremito do vento nas folhas parece modular as symphonias, ás quaes trazemos ligadas doces e tristes lembranças: a musica é a voz da alma.

Rodolpho, de quando em quando, parava; parecia-lhe ouvir misturar-se aos sons da sua flauta as vibrações da harpa de Bertha. Dois annos se passaram assim.

Uma tarde, Bertha achava-se com seu pae sob o caramanchel do jardim. Este caramanchel era formado por cinco acacias, que misturavam no alto as suas ramagens e os seus cachos brancos e perfumados; por entre as acacias, lilazes de um verde sombrio fechavam os espaços vazios da sua espessa folhagem; tres ou quatro madresilvas trepavam em torno das acacias, e deixavam cahir longas grinaldas floridas.

Pela estreita entrada do caramanchel via-se no horisonte uma lista de purpura, produzida pelos reflexos do sol poente. Era a hora consagrada ás recordações e ás saudades. Bertha executou na harpa o seu trecho favorito, mas de repente parou, para escutar.

Tudo era silencio; a esta hora o proprio vento cessa de agitar a folhagem. Bertha recomeçou o trecho, e tornou a ouvir a flauta de Rodolpho, que a acompanhava.

Era Rodolpho que estava de volta.

Dois annos depois, Rodolpho e Bertha possuíam uma encantadora filhinha, fructo adorado de uma união que o pae de Bertha tinha abençoado antes de morrer. Rodolpho era o organista da cathedral, e os seus ganhos davam aos dois um largo bem-estar.

Rodolpho acabava de comprar uma linda casa. Por detraz havia um bosque espesso de tilias; na frente um immenso taboleiro de relva, por onde rolava a creança. Os muros brancos estavam cobertos de grandes roseiras de Bengala; e depois, tudo estava tão bem fechado! não havia nas portas uma só fenda que deixasse penetrar o olhar de um curioso que passasse na rua: as creaturas felizes são de um accesso difficil.

Então morreu a creança, e Bertha morreu de desgosto alguns mezes depois.

Quando ella viu que o seu fim se approximava, disse a Rodolpho:

—Em vão procuro reatar-me á vida pelas minhas préces; é preciso que eu vá unir-me á nossa filha, que te abandone, e que vá esperar-te n'uma vida melhor. Se os mortos conservam o poder de voltar á terra, tu me verás; a minha sombra ha de errar em torno de ti, porque o meu céu é o lugar onde vive Rodolpho. Quando chegar o dia em que nós nos possamos reunir, virei buscar-te e as nossas duas almas, confundidas, elevar-se-hão para nunca mais descerem a uma terra onde nada as attrae. Em cada anno, no dia dos meus annos, feliz ou infeliz, amado ou abandonado, triste ou alegre, á hora em que o sol se põe, á hora em que as rezas sobem para o céu com os sons do sino das Trindades e com o perfume que exalam as flôres antes de fecharem os seus calices, tu tocarás esse trecho que por tanto tempo me consolou dos pezares da ausencia, unica consolação que te ha de restar n'uma tão longa separação. Essa musica será mais harmoniosa á minha alma, que as musicas dos seraphins.

Depois beijou-o e morreu.

Rodolpho enlouqueceu. Obrigaram-o a viajar durante algum tempo. Quando voltou, a sua cabeça tinha serenado mais; mas uma profunda melancolia tinha-se apoderado d'elle e nunca mais o deixara. Fechou-se na sua casa, sem querer receber a visita fosse de quem fosse, sem querer sahir e sem querer ir a nenhum sitio. Guardou o quarto de Bertha tal como tinha ficado no momento da sua morte, o leito ainda desfeito, a harpa encostada a um canto.

Quando chegou o dia do anniversario de Bertha, vestiu-se como para uma festa, o que ha muito não fazia. Encheu o quarto de flôres; e, quando a tarde se approximou, fechou-se por dentro e executou na flauta a musica que tantas vezes tinham tocado ambos juntos.

No dia seguinte, encontraram-o estendido no chão, como morto. Quando recuperou os sentidos, tinha endoidecido; foram ainda precisas novas viagens. Ao cabo de um anno voltou para casa; o cerebro parecia restabelecido; sómente andava triste e silencioso.

Chegou um novo dia dos annos de Bertha; encheu o quarto de frescas flôres, e, de tarde, fechou-se por dentro, vestido como no dia do seu noivado; depois executou na flauta sempre a mesma musica.

No dia seguinte encontraram-o novamente estendido no chão. Mas quando quizeram levar-o, disse friamente que se mata-va, se o não deixassem na casa onde marrera sua mulher. Julga-

Pastoril *pp.*
Introd. *pp.*

Andante *piano* *Pand.^{te}* *pp.* *Vals* *pp.* *Cantabile*

ff. *loco* *ff.* *ffimo* *pp.* *pp.* *pp.* *pp.* *pp.*

1^a vez *2^a vez* *3^a vez* *1^a vez* *2^a vez* *3^a vez* *1^a vez* *2^a vez* *3^a vez*

pp. *pp.* *pp.* *pp.* *pp.* *pp.* *pp.* *pp.* *pp.*

Crescendo *pp.* *pp.* *pp.* *pp.* *pp.* *pp.* *pp.* *pp.* *pp.*

CODA *D.C. al vals*

Secc. Phd.

A page of a musical score for "Valsa Catalá". The score consists of 11 systems of staves. The top system includes a vocal line labeled "Pastoril" and "Introd." with dynamics "pp.", and a piano accompaniment with dynamics "Andante", "piano", "Pand.te", and "pp.". The right side of the score is marked "Vals" and "Cantabile". The middle systems contain various dynamics such as "ff.", "loco", "ff.", "ffimo", "pp.", and "pp.", along with first, second, and third endings. The bottom right system is marked "CODA" and "D.C. al vals". The piece concludes with a section for the "Secc. Phd." (Solo Piano). The title "VALSA 'CATALÁ'" is printed at the bottom center.

VALSA 'CATALÁ'

ram dever ceder aos seus desejos, tanto mais que a sua razão nada parecia ter soffrido com este novo accidente.

Eis o que lhe tinha acontecido:

Por occasião do primeiro anniversario, desde que começara a tocar, as cordas da harpa vibraram tambem, acompanhando só sinhas os sons da flauta.

Quando elle parou, os sons da harpa pararam tambem.

Por occasião do segundo anniversario, pensando que tinha sido victima de uma illusão, recomeçou, e a harpa tocou a sua parte; parou, e os sons da harpa pararam logo; aproximou os dedos das cordas, e os seus dedos sentiram as ultimas vibrações d'essas cordas.

Ambas as vezes cabiu por terra fulminado pelo terror, passando a noite n'um profundo deliquio.

Mas acabara por se habituar a esta violenta commoção, e a encontrar-lhe apenas uma especie de prazer pungente,

Todas as suas tardes e a maior parte das suas noites se passavam assim. As faces cavavam-se; só os olhos pareciam vivos no fundo das suas orbitas, e brilhavam de um brilho sobrenatural; só tinha a vida precisa para sentir e para soffrer.

Um amigo, que o acaso ou uma fatuidade de constancia lhe tinha conservado na sua desgraça, affligiu-se, e quiz saber o que Rodolpho fazia n'esse quarto. Disse-lhe que tocava flauta, e que a sombra de Bertha tocava harpa; que a morte era bem realmente o começo de uma outra vida; que a proporção que se sentia morrer, se sentia viver mais intimamente com sua mulher, que elle tanto tinha amado; que durante esta mysteriosa harmonia que ouvia todas as tardes, lhe parecia ver Bertha á sua harpa; que se achava feliz, que nada desejava, e que nada mais pedia, nem ao céu, nem aos homens.

Era o dia do terceiro anniversario do nascimento de Bertha. Rodolpho tornou a encher o quarto de flores; e no seu proprio casaco havia posto um ramo. O leito da defunta estava juntado de rosas desfolhadas.

Depois, ao sol posto, pegou na flauta e tocou o trecho tão amado de Bertha.

O amigo estava occulto por detraz de um reposteiro: estremeceu ao ouvir os sons da harpa misturarem-se aos da flauta. Rodolpho poz-se de joelhos e resou.

Então a harpa continuou soinha; via-se as cordas vibrarem sem que mão alguma lhes tocasse. Tocou uma musica celeste, como ninguem ainda tinha ouvido, e que ninguem ouvirá jámais. Depois recomeçou a musica de Bertha; e quando concluiu, quebraram-se de repente todas as cordas da harpa, e Rodolpho cahiu por terra.

O amigo conservou-se por algum tempo tão immovel como o desgraçado Rodolpho: depois, quando foi para o erguer, vio que estava morto...

ALPHONSE KARR.

AS NOSSAS GRAVURAS

ANTONIO MARCIANO VINCULA BELLES

Não pode ter uma biographia longa, enriquecida por numerosos feitos attestando demorados serviços prestados á patria, quem tão cedo foi arrancado á vida, quasi que tendo unicamente o tempo de evidenciar aos outros uma intelligencia robusta e um espirito culto e energico para se entregar ao labor incessante da existencia prestada, tributo a que se não eximem os que, de natural, teem aspirações a enobrecerem mais e mais o nome que disfructam.

Esse distincto rapaz, de quem damos o retrato, gozava da estima e consideração de todos, homenagem justamente merecida ás suas bellas qualidades.

De uma illustração pouco vulgar, adquiria, pelo seu physico insinuante e pelo seu trato delicadissimo e animado, as sympathias de todos que se lhe approximavam. O seu nobilissimo character transparecia nos seus mais insignificantes actos e a sua ausencia entre os numerosos amigos com os quaes tão alegremente convivia, era sempre acolhida com sentimento, que perfeitamente se harmonisava com a intima e manifesta alegria que todos sentiam ao vel-o.

De uma conversação animadissima e variada, Marciano Belles tinha o segredo particular de destruir qualquer sombra de pesar que o seu olhar penetrante descobrisse nos outros.

Um dito de espirito, um «a propos» que elle proferisse, tinham o supremo condão de arrancar um sorriso, e esta nota que aqui registramos serve unicamente a accentuar bem a feição alegre d'esse excellente rapaz, a quem todos admiravam a exuberancia de vida, ao ponto de nem um só dos que o rodeiavam crer que tão cedo a morte o arrebatasse!

Elle mesmo, apesar dos seus conhecimentos scientificos, quando os primeiros signaes da horrorosa doença que o levou ao tumulto lhe appareceram, encarou-os indifferentemente e, no

cruciante decurso de tão fatal enfermidade, longe d'esperar que os amigos o animassem, era o primeiro a assumir esse encargo, abafando os gemidos proprios do seu martyrio com uma phrase, com uma historia, em que muitas vezes tirava partido da sua desoladora situação physica!

Nascera em Faro e era filho do dr. José Maria Corroa Belles, medico distinctissimo.

Matriculára-se em 1870 na Academia do Porto e em 1872 na Escola Medica de Lisboa, completando o curso em 1877, curso em que repetidas vezes deu sobejas provas do seu superior talento.

Partiu para a Africa em 1878, commissionedo pelo governo, e ahi, os seus serviços, evidenciados em muitos e diferentes cargos que exerceu, tiveram geral applauso e conquistaram-lhe inumeras sympathias.

Voltou á Europa em 1882, em consequencia do seu estado de saude ser bastante melindroso.

Desde então até á data do seu fallecimento, 20 de dezembro do anno findo, a doença foi progredindo e zombando assim de todos os esforços empregados para a debellar.

PALACIO DA INQUISIÇÃO EM MADRID

São negras e sombrias as paredes d'este edificio, como negros e sombrios foram os dramas que por largos seculos ali se passaram.

Desde S. Domingos de Gusman, até ao ultimo inquisidor, Mendonza, quantos gritos de agonia, quantas dôres dilacerantes, não abafaram as grossas muralhas que a nossa estampa hoje representa!

Em todos os paizes a inquisição foi feroz e sanguinaria, mas em nenhum tanto como em Hespanha.

O nome de Thomaz de Torquemada, que arrastou á fogueira mais de 140.000 victimas, a de Pedro Arbues, que continuou essa obra de sangue até que o mataram aos pés do altar, o de Deza, que, imitando os seus dignos antecessores, acendeu a fogueira para vinte e seis mil desgraçados e abriu as portas das galés e das masmorras para trinta mil familias a quem havia confiscado os bens, que de nomes escriptos com o sangue de milhões de victimas, governaram essa ordem maldita, fundada por Domingos de Gusman, a quem o Vaticano mais tarde canonisou!

VALSA «CATALÁ»

E' do distincto concertista e compositor, o sr. Thomaz Del Negro, a valsa que hoje damos, intitulada «Catalá».

Esta composição foi por elle dedicada ao talentoso maestro hespanhol d'aquelle appellido, que tantas sympathias adquiriu em tempos, entre nós.

Folgamos de publicar uma composição do professor que tão justamente tem merecido a estima e apreço do nosso publico em muitos concertos, e como artista do theatro de S. Carlos, onde occupa o logar de primeiro trompa.

MODAS

CORPETE E PENTEADO PARA THEATRO

Corpete em «peau de soie vieux rose» muito decotado e sem mangas. O peitilho é formado por um «plastron» de renda terminando em bico. Cobre o no alto um rebuço de rendas, fechando ao centro com um rico «agrafe». O hombro é modelado por uma dragona de flores. Collar de fita, cingindo o pescoço. Luvas de Suéde muito compridas. Penteado ondeado, adornado de espaço a espaço com fios de perolas e terminando no alto em nó de cabelo, ao qual prende uma «aigrette» de plumas «vieux rose».

RUINAS DO FORUM DE NERVA, EM ROMA

(Specimen das gravuras da «Historia de Roma», por Victor Duruy)

Damos hoje um segundo specimen das bellas gravuras d'esta obra monumental de Victor Duruy, o famoso historiador francez.

A *Historia de Roma*, publicada pela «Empreza editora de obras illustradas» e traduzida pelo brilhante escriptor, Pinheiro Chagas, vae obter, por certo, em Portugal e no Brazil, um successo superior ao que alcançou a *Historia de França*, de Henri Martin.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

(Apontamentos para a sua biographia)

O *torrão agro e triste* (DUAS HORAS DE LEITURA) em que Camillo viveu depois que de Lisboa sahira orphão, tem nas suas obras as referencias seguintes:

«A aldeia chama-se Villarinho da Samardan. Demora em Traz-os-Montes, na comarca de Villa Real, sobranceira ao rio Corrego, no desfiladeiro de uma serra sulcada de barrocaes. E' citada nos epigrammas de Filinto Elysió como typo de chalaça, de galhofa, de surriada. Segundo aquelle mestre do gerundio e artifice de linhas corneamente esquinadas que a calumnia chama versos, dizer a um luzo que a sua patria era a Samardan, equivalia a um *Zut* dos gavroches francezes de hoje em dia sibilado ás orelhas do forasteiro de Pont-à-Mousson ou Brives-la-Gaillarde —as Samardans da França, symbolicas de burlesco.»

(LIRA MERIDIONAL, «critica ao livro d'este titulo, publicada primeiro no vol. III dos» SEROENS de S. MIGUEL DE SEIDE, e depois em opusculo, de que apeuas se tiraram 40 exemplares não vendidos.)

* * *

«Ha de haver um seculo que a aldeia mais chasqueada era a *Samardan*. (1) Filinto Elysió valeu-se d'aquella aldeia todas as vezes que necessitou naturalisar um patola. Entre varios lanços das suas obras, escolho o seguinte:

Sahiu de Samardan certo pedreiro
Faminto de ouro, em busca de fortuna;
Cobarde, vae-se ao Rio, deita ás Minas,
E lida, e fossa, e sua, arranca á Terra
O luzente metal, que o vulgo adora.
Vem rico a Samardan, vinhas, searas,
Casas, moveis, baixella, compra fôfo:
Brocados veste, vae-se nos domingos
Espanjar á Egreja, acompanhado
De lacaios esbeltos; vem o Cura,
Saúdal-o com agua benta; os mais graudos
Do logarejo a visital-o acorrem;
Para elle os rapapés, as barretadas
Se apostavam de longe a qual mais prestes.
Fallavam-lhe os visinhos e a gazeta
Na celebre Paris, cidade guapa
Onde todo o estrangeiro nobre ou rico
Vae fazer o seu papel. Eil-o azoado
Que deixa a Samardan, que se apresenta
Na capital franceza; roda e v' côche,
Alardeia librés; passeia Louvres,
Versalhes, Triandões. Volta enfadado
A' sua Samardan.— Gabam tal gente
«De polida! Oh! mal haja quem tal disse!
«Corri casas, palacios, corri ruas;
«Não vi um só, nem grande nem plebeu,
«Que, ao passar, me corteje c'o chapéu.»

«O padre Francisco Manoel, se em vez da Samardan,—serrana e fragosa aldeia que não tem igreja nem cura—escolhesse para terra natal do seu rico parvôjola alguma das cidades notaveis do reino, teria escripto um conto verosimil.»

«Eu é que conheço a Samardan, desde os meus onze annos. Está situada na provincia Transmontana, entre as serras do Mézio e do Alvão. Nas noites nevadas, as alcatéas dos lobos descem á aldeia e sevam a sua fome nos rebanhos, se vingam descancelar as portas dos curraes; á mingoa de ovelhas, comem um burro vadio ou dois, consoante a necessidade. Se não topam alimaria, uivam lugubrememente, e embrenham-se nas gargantas da serra, illudindo a fome com rapozas ou gatos bravos marasmados pelo frio. Foi alli que eu me familiarisei com as bestas-feras; ainda assim, topei-as depois, cá em baixo, nos matagaes das cidades, taes e tantas que me irriçaram os cabellos.

«Na vertente da montanha que dominava a Samardan, havia

(1) *Samardan* é de raiz persa. O successor de Cambizes e predecessor de Dario chamava-se *Samardous*. Estes meus processos etymologicos são da escola de *Amador Iatrico* das «Antiguidades de Evora»; que Samardou viesse e desse o nome á Samardan é hypothese melhor de aceitar que a outra de ter vindo o heroe de Homero fundar Lisboa; porque chamando-se o heroe *Odiseus* não é crível que em Lisboa se crismasse em Ulysses.

um fôjo—uma cerca de muro tosco de calhãos a ésmo onde se expunha á voracidade do lobo uma ovelha tinhosa. O lobo, engonado pelos balidos da ovelha, vinha de longe, derreado, rente com os fragoedos, de orelha fita e o focinho a farejar. Assim que dava tento da presa, arrojava-se de um pincho para o cerrado. A rez expedia os derradeiros berros fugindo e furtando as voltas ao lobo que, ao terceiro pulo, lhe cravava os dentes no pescoço e atirava com ella escabujando sobre o espinhaço; porém transpor de salto o muro era-lhe impossivel, porque a altura interior fazia o dobro da externa. A féra provavelmente comprehendia então que fóra lograda; mas em vez de largar a presa, e alliviar-se da carga, para tentar mais escoteira o salto, a estúpida sentava-se sobre a ovelha e, depois de a esfolar, comia-a. Presenciei duas vezes esta carnagem em que eu—animal racional—levava vantagem ao lobo tão sómente em comer a ovelha assada no forno com arroz.

«De uma d'essas vezes, puz sobre uns sargaços a *Arte* do padre Antonio Pereira, da qual eu andava decorando todo o latim que esqueci; marinhei com a minha clavina pela parede por onde saltára a fera, e, posto ás cavalleiras do muro, gastei a polvora e chumbo que levava granizando o lobo, que raivava dentro do fojo atirando-se contra os angulos asperrimos do muro. Desci para deixar o lobo morrer socegadamente e livre da minha presença odiosa. Antes de me retirar, espreitei-o por entre a junctura de duas pedras. Andava elle passeiando na circumferencia do fojo com uns ares burguezes e sadios de um sujeito que faz o chylo de meia ovelha. Depois, sentou-se á beira da restante metade da rez; e, quando eu cuidava que elle ia morrer ao pé da victima, acab. u de a comer.

«E' forçoso que eu não tenha algum amor-proprio para confessar que lhe não metti um só graeiro de cinco tiros que lhe desfechei. As minhas balas de chumbo n'aquelle tempo eram inoffensivas como as balas de papel com que hoje assanho os colmilhos de outras bestas feras.

«Este conto veio a proposito da Samardan, que distava um quarto de leguas da aldeia onde passei os primeiros e unicos felizes annos da minha mocidade.»

(NOVELLAS DO MINHO: O DEGREDADO)

* * *

No drama O CONDEMNADO, primeiro acto, ha, n'um dialogo de criados, a seguinte referencia á Samardan:

JOAQUIM

Isto sempre é melhor que andar a guardar ovelhas na Samardan, eim?

JOÃO

O qué? pois não fostes? Tomára-me eu lá com as minhas ovelhas. Assim que m'alembam os nossos montes, começo a esbagar e átrigar-me aqui dentro do coração.

* * *

«Fui educado n'uma aldeia, onde tenho uma irmã casada com um medico, irmão de um padre, que foi meu mestre. O mestre podia ensinar-me muita coisa que me falta; mas eu era refractario á luz da gorda sciencia do meu padre. Fugi de casa para a serra, dava muitos tiros ás gallinholas e perdizes; porem, louvado seja Deus, não me doe o remorso de ter matado uma!

«O meu gosto era pascer o rebanho de casa por aquelles saudosos valles. Todavia, minha irmã oppunha-se a este humilde serviço. Dizia-me coisas que eu não percebia ácerca da minha dignidade; reprehendia os meus baixos instinctos; attrahia ao seu voto o marido e o padre e cortava-me o rasteiro vôo escondendo de mim a clavina, o polvorinho, e os salpicões e a broa e a bacinha da agua-ardente.

«Não obstante eu pedia tudo de emprestimo, e ia com as ovelhas para o monte. Passava lá o dia inteiro, sentado nas espinhas d'aquelles alcantis fragosos, sempre sósinho, scismando sem [saber em qué, engolfada a vista nas gargantas dos despenhadeiros. N'este intante, vejo palmo a palmo aquelles sitios.

Se eu ali fôr, vou sentar-me ao pé de uma rocha, no recosto de uma brenha, justamente onde recebi, ha quinze annos, dois anneis de missanga. Ora estes anneis...» (DUAS HORAS DE LEITURA).

* * *

Na obra poetica de Camillo (Um Livro) ha uma clara referen-



1776

MODAS

cia á Samardan, escripta seguramente de longe, como se depre-
hendo do texto:

Vivi por agras montanhas
Onde a torva natureza
Não tem galas nem poesias;
Onde é triste a primavera,
Sem aromas nem verdores;
Onde o sol calcina a rocha
E não deixa ao prado flôres;
Onde o inverno se contorce
Em vulcões de ventania,
E, ruindo sobre a espalda
D'aquellas serras cinzentas
Onde a custo alveja o dia,
Com bramido pavoroso,
Genio infernal das tormentas.

Dei uns longes da agonia
Da terra ao nada volvida.
E vim das margens do Tejo
Na aurora da minha vida
D'sterrado para «ali».

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

TYPOS DE LISBOA

Os frequentadores de «Foyer»

Tem feitos diversos e apresentam-se debaixo de formas va-
riadas, mais ou menos grotescas e ridiculas.

O ideal a que aspiram pode variar tambem, como o aspecto,
mas emquanto á essencia, são todos o mesmo, salvas rarissimas
excepções. Isto pensavamos nós hontem, escrevemol-o hoje e re-
petil-o-hemos amanhã, porque o typo que esboçamos não é um
mytho; existe, ha-de existir sempre, dando-se em espectáculo ao
analysta sensato, despertando a gargalhada dos bons democritos,
que se não filiarão ainda no gremio dos thuriferarios banaes.

As mais das vezes é um *estoiradinho* pedante, dos muitos que
povoam esta nossa Lisboa casquilha, onde a miseria vela cuida-
dosamente o rosto macerado, sob a mascara d'um sorriso contra-
feito, e a ignorancia cria fóros de fidalga á custa de *réclames* es-
palhadas sem consciencia, ou de alguns punhados de oiro, ganho
Deus sabe como.

Este *estoiradinho*, vive uma vida aventureosa, dissoluta, mal
dormida. Aos quinze annos não dera ainda provas de instrucção
elementar em qualquer lyceu; aos dezoito, em compensação, já
as tinha dado de *sportman*, ou coisa que o valha, perante os *leões*
do *Turf*.

Nas salas da sociedade elegante e honesta sente-se incommo-
dado, *gauche*. Nas ceias lubricas de *restaurant*, entre duas *horison-
taes* descompostas e um bando de bohemios libertinos, faz espirito
em calão ordinario, que dá nauseas, e alardeia de D. Juan, iufa-
mando torpemente as mulheres dignas.

Usa os cabellos puxados para a testa, que, por via de regra, é
estreitissima, e traz sempre a pontinha do lenço fóra do bolso
do peito da rabona.

Conhece todos os actores, trata-os por tu, por *menino*, por
coisinho, muito familiarmente; offerece-lhes charutos e café no
Suisso; faz gala em receber de qualquer d'elles um affectuoso
aperto de mão nos logares mais publicos, na Avenida, nos gran-
des centros. Depois, dando-se ares, diz, pretenciosamente, para o
sujeito que o acompanha:

—Não conheces? E'o Rosa, o Augusto. Muito meu amigo!

A' noite vae para os theatros, confraternisa com os portei-
ros, tem sorrisos benevolos para uns, cumprimentos delicados pa-
ra outros. Nos intervallos da peça, invade o palco; esvoaça em
torno dos bastidores, entra sobranceiro no sanctuario dos cama-
rins, dá excellença á mais ordinaria e pretenciosa das actrizes,
diz-lhe que foi admiravel na criação do personagem que definia,
gostou muito de a ver no segundo acto, achou a scena do ciúme
soberba, ideal!

O *estoiradinho* indigena acha sempre ideaes todas as sem-
saborias; está-lhe na massa do sangue.

—Veja agora o que diz de mim no seu jornal, segreda-lhe a
ingenua, dardejando um olhar provocador, profundo.

Esquecia-nos declarar que o nosso homem escreve, sem

grammatica e com manifesta inopia de bom senso, n'um jornal
qualquer, varias parvoçadas que lhe encommendam. O redactor
accetta por deliziada condescendencia as ineptias, o revisor emen-
da-as depois, conforme pode, e no dia seguinte é espalhada aos
quatro ventos a seguinte local, cheia de adjectivos sonoros, rou-
bados a qualquer romance:

«O drama do nosso prezado amigo, F., escriptor distinctissi-
mo e experimentado, é um monumento. O segundo acto teve uma
ovação esplendida! B., a beneficiada, foi admiravel no seu formo-
so papel de Laura. Seria difficil exceder-a nos talentos, como dif-
ficil, senão impossivel, é egualal-a nos encantos. Não é uma sim-
ples mulher: é um genio, uma ver ladeira maravilha!

Mais de espaço fallaremos do desempenho, que foi excellente
por parte dos restantes actores.»

Ella viu a *réclame* e ficou lisongeada: os collegas acharam
bem, e disseram uns para os outros, emphaticamente:

—E' um moço de esperanças!

—Um genio!

—Delicadissimo!

—Admiravel!

—Isto, sim; isto é que é critica!

—Não é como F..., um maldizente systematico, um igno-
rante, um pretencioso!

E está feita a reputação do insignificante n'aquelle ruidoso e
indefinivel mundo de lona pintada e de lantejoulas resplandecen-
tes; abrem-se-lhe de par em par as portas do templo, inscreve-
se-lhe o nome em letras de oiro no rol dos p edestnados da for-
tuna, fazem-se-lhe zumbaias e apotheoses.

Apesar de tudo, a peça cae desastradamente, por detestavel,
ao cabo da 3.ª representação. O artista, a quem um adulator mer-
cenario lisongeou servilmente, adormece a sombra lethal de uns
falsos louros assim colhidos, e não estuda, não progride, não tra-
balha, não conquista a celebridade e a gloria por meio de mani-
festações successivas e reaes do talento que Deus lhe concedeu,
que lhe é congenito, que poderia brilhar esplendidamente, se uma
critica justa, severa, imparcial e sensata não fosse ferir a vaidade,
que louvaminhas inconscientes e hypocritas despertaram em
si ao dar os primeiros passos vacillantes no tablado.

O publico escaceia nas platéas, porque o publico não se
compõe exclusivamente de thuriferarios mentirosos; e a gente
sensata, lançando um olhar de commiserção sobre todo aquelle
microcósmo de miserias e de ridiculos, exclama por fim:

Pater, demite illis!

CASTOR.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

Retribuição ao preclaro charadista de Santa Comba Dão,
ANTONIO FRANCO

Dizem chronicas antigas
Que o bom D. Fuas Roupinho
Inventára umas cantigas
A' familia d'um visinho.—1

Que cedo, de madrugada,
N'um logar de si bem ermo,
Soltava, muito trinada,
Uma nota, o estafermo! —1

Que, sempre cantarolando,
O nosso heroe d'outras eras
A cantar fóra passando
Vinte e nove primaveras!

Entrado, porém, nas trinta,
Disse á filha do visinho:
—Dou-te por dote uma quinta
Se amares Fuas Roupinho.

—Dou-te mais, rico thezoiro,
Um presente no entrudo,
Que consta d'uns brincos d'ouro
E um vestido de velludo!...—1

A nada, porém, a filha
Do visinho a mão cedera,
Até lhe chamou pandilha,
Réles figura de cêral!...

Diz a historia que D. Fuas
Roupinho por appellido,
Foi guerreiro, e fez das suas,
Em combate mui renhido.

Que mostrou valor audaz,
Em ataque rijo e forte,
A ponto d'este rapaz
N'elle encontrar crua morte!...

Que morreu apaixonado
Pela filha do visinho,
Diz-me com ar's de lettrado
Um sujeito. Coitadinhol!...

O conceito está á vista
D'esta bem antiga historia;
E não ponho mais na lista,
Pois já me falta a memoria.

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

Se é fraco, escusado
No quadro é mexer,
Mas, se é denodado,
Vamcs lá a ver
Se rompe o quadrado.

. Após vegetal
. Tem uma cidade,
. Villa em Portugal,
. E app'ldo ver ha de
. Que é, julgo, animal.

Veja se se' anima,
Não mata a charada?
Então, não lhe arrima?
Aqui não ha nada!
Volte lá p'ra cima.

Logogriphe

Em escudo d'armas, vé com certeza.—8, 7, 4, 3, 7, 6, 2
Insignia por muitos appetecida,—1, 7, 5, 6, 2

Que dizem ser co'a lyra parecida,—8, 7, 10, 9, 2, 6, 2
E que se vé em terra portugueza.—8, 2, 4, 8, 2, 3, 4

Valioso recurso para a pobreza,—8, 6, 3, 8, 9, 3
E tambem arvore bem conhecida,—5, 2, 4, 2, 6, 3, 7, 6, 2
A qual ides ver, mais certa medida,—9, 3, 8, 5, 2, 6, 3
Procurando bem, em villa franceza.—4, 3, 7, 8, 9, 3, 4

Sendo pessoa falsa e mentirosa,—5, 6, 2, 4, 10, 3
Excita, muita vez, a gargalhada,—8, 2, 6, 3, 5, 2
Apesar de bastante perigosa.—10, 7, 4, 7, 8, 2

E' feia, e por isso mui detestada,—5, 2, 6, 2, 4, 8, 2
E nada tendo de religiosa,—9, 3, 6, 3, 4, 7, 2
N'esta cidade vive abandonada.

MATHEUS JUNIOR.

Decifrações

DA CHARADA: —Condecoração.
DO LOGOGRIPO: —Cautela.
DO PROBLEMA: —Vendeu 36.

A RIR

—Tu não sabes, Bêbé?—Chegou-te hoje de França, n'uma
condecinha, um irmãosinho muito bonito, para brincareas.
—E já foram dizer isso ao Papá e á Mamã?

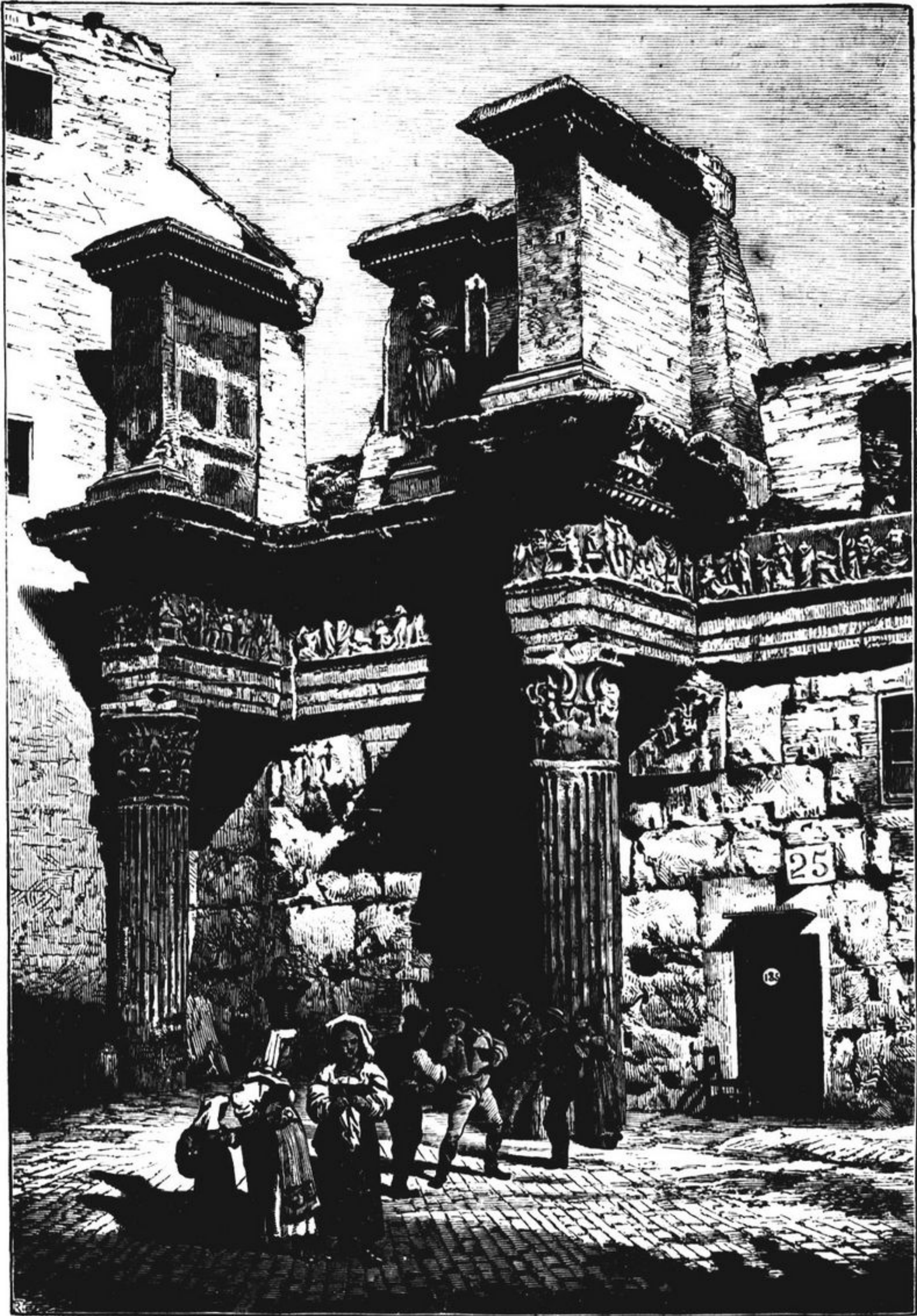
Um copista despediu ultimamente um dos seus empregados.
—Por que é que o despediste? perguntou-lhe um amigo. Elle
tinha tão boa lettra!
—Sem duvida, replicou o copista; mas,—acrescentou com ar
de desprezo, — tinha-se tornado impossivel... L'a o que escrevia!

Ha dias um sujeito entrou n'um estabelecimento que vend^o
corôas de perpetuas, e deparou-se-lhe uma, com esta inscripção
—A MINHA SCGRA.
— Quanto custa esta corôa? perguntou elle.
— O que quizer dar, respondeu o dono da loja. Ha quatro an-
nos que a tenho ahi, e é a primeira vez que alguem vem apre-
çal-a.

UM CONSELHO POR SEMANA

MODO DE LAVAR A FLANELLA SEM QUE AMARELLEÇA

Deite se em um banho quente de sabão branco uma porção
de gomma arabica com dextrina, e lave-se a flanela n'este liqui-
do e depois em agua simples.
Quando a flanela estiver bem secca, expôha se aos vapô-
res do enxofre.
D'este modo conservará sempre a sua brancura e as suas
condições hygienicas.



RUINAS DO FORUM DE NERVA. EM ROMA

HISTORIA DE ROMA

POR
VICTOR DURUY
TRADUÇÃO DE

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

O immenso successo que obteve em Portugal e Brazil a traducção da *Historia de França*, de Henri Martin, revelou-nos o entusiasmo que o publico está mostrando pelas grandes obras historicas, e por isso nos abalançamos á publicação da *Historia de Roma*, de Victor Duruy, a obra mais importante que até hoje tem apparecido na Europa.

Todos, mais ou menos, conhecem o nome do grande historiador francez e teem noticia d'este seu trabalho monumental. A *Historia de Roma* será adornada com

300 PRIMOROSAS GRAVURAS,

sendo 150 de pagina inteira.

O formato será in-4°, o mesmo da *Historia de França*; o papel de superior qualidade, e o typo completamente novo. Sairá aos fasciculos quinzenaes de 32 paginas, com cobertura de cor. Custo de cada fasciculo—120 RÉIS.

Escriptorio—Travessa da Queimada, 35, Lisboa